

**Jorge, Branco, *Comenda com Gente. Fotobiografia de uma Aldeia Alentejana*, Lisboa, Edições Colibri, 2018, 561 p.,** Ema Pires, Universidade de Évora.

*Comenda com Gente. Fotobiografia de uma Aldeia Alentejana* é o mais recente livro do médico Jorge Branco. Fruto de um detalhado trabalho de arquivo, de registo do quotidiano, de entrevista biográfica *Comenda com Gente. Fotobiografia de uma Aldeia Alentejana* desenha uma micro-história de Castelo Cernado (Comenda), no concelho de Gavião no Alentejo. Esta obra insere-se contudo numa tipologia de texto que o autor já vem desenvolvendo desde o livro anterior, *Comenda com Alma. Ainda há vida na charneca!*, dado à estampa em 2015, também pela editora Edições Colibri. O texto é uma monografia etno-fotográfica bem estruturada e de leitura acessível a várias tipologias de públicos (académicos e não académicos). É um texto extenso, composto por 561 páginas de relatos biográficos, fotografias, esquemas genealógicos e textos de enquadramento escritos pelo autor. A metodologia é expressa logo no início da obra, e enquadra uma posição epistemológica que perpassa a etnografia e a história local. Com trabalho de campo realizado em 2016 e 2017, o autor concebeu e realizou “uma série de trinta e nove entrevistas a comendenses. Trata-se de conversas com pessoas idosas da freguesia, ou seja, memórias de mulheres e homens em relação às suas vivências, ao longo dos últimos setenta, oitenta, noventa anos: experiências de vida que corriam o risco de se perder” (p. 13). O resultado final desta recolha, agora coligido sobre a forma de livro, é complementado por genealogias de cada pessoa entrevistada, e por uma fotobiografia de cerca de 90 páginas (pp.465-554). Esta fotobiografia segue uma padronização

São mais de quarenta as pessoas cujos fragmentos de vidas nos são apresentados. O que ressalta ao olhar do(a) leitor(a) é o facto de termos aqui dois livros num só, a biografia e a fotobiografia. Temos ainda uma tripla autoria: os textos são de Jorge Branco, o autor. O manejo das imagens, ou a organização foto-biográfica propriamente dita, e a compilação do “álbum foi da responsabilidade de Ricardo Branco que o idealizou e concretizou” (p.13). Com um prefácio de Francisco Louçã, que refere que é um retrato “antropológico” “uma história de muitas vidas, d euma comunidade, de vizinhos” (p. 23). Como continua Louçã: “Como Branco nos conta, neste último meio século metade da população abalou, como aconteceu noutras aldeias do Alto Alentejo; a indústria, uma empresa, acabou; e a vida social, tão

transformada com o 25 de Abril e com o poder municipal, também caiu na rotina de uma terra que encolhe” P. 23, Louçã)

Na totalidade, foram entrevistados por Jorge Branco 21 homens e 18 mulheres. Bem escrito e delineado, os leitores intuem apenas nas transcrições das entrevistas qual terá sido o guião seguido por Branco, uma vez que ele não é fornecido aos leitores do livro.

Cada capítulo constitui um relato biográfico, titulado pelo nome de cada pessoa entrevistada. A obra termina com um índice onomástico (p.555-561).

Podemos conceber que cada relato biográfico constitui pequeno capítulo, que se inicia com uma fotografia da pessoa, uma árvore genealógica

O livro de Jorge Branco é pontuado e permeado ainda por um registo ficcional do autor, que intermedeia as narrativas biográficas apresentadas. No início de cada um dos relatos biográficos existe uma página escrita a itálico pelo autor, como que a contextualizar a trama da estória que se contará em seguida. Também compreendemos esse registo ficcional ao observar que, nas legendas das fotografias presentes na “fotobiografia, as pessoas aparecem designadas como “personagens” (p. 465-554)

Algumas das mais subtis (in)visibilidades do quotidiano estão expressas nas pequenas coisas que se passam no Castelo Cernado. Das dificuldades económicas da população ao alcoolismo feminino: Na voz de Maria Flores Mendes, filha de merceeiros, “Havia muitos bêbedos, mais homens, mas também muitas senhoras”, e o autor contextualizam como eram “as alcoólatras da aldeia. Mulheres que iam às tabernas, com a garrafa debaixo dos xales, comprar vinho ou aguardente para seu consumo, mais ou menos às escondidas” (p. 202). São também desvelados os tempos de lazer profano e sagrado: s Bailes, as contradanças, as encomendações das almas (p. 206); acontecimentos políticos como a guerra civil espanhola, a ditadura portuguesa, ou a ocupação dos baldios do povo (p. 208, p. 423). Nos interstícios de Comenda com

Gente, vemos desvendar ainda os trabalhos e actividades rurais e os sons do lugar: do tocador de búzio (p.415)” “encarregado pelo manageiro de acordar e reunir o rancho (de trabalhadores rurais) (...) Mesmo que o búzio soe em vários locais da aldeia, todos convergem para o Arneiro, onde o rancho se vai formando. (...) O manageiro dá ordem de marcha e todos iniciam a caminhada: uma hora de marcha a pé até ao olival, para lá do Sor.” (p. 415). E, nos campos, as actividades agrícolas e a sua regulação pelas estruturas e instituições do regime ditatorial português são também demonstradas, por exemplo, nas palavras de Iria Amaro (nascida em 1941): “Nas ceifas, pela quaresma, cantavam canções pagãs até ao meio dia, e da parte da tarde rezavam o terço, com rosários feitos de folhas de trigo. Isto, nos dias santos da quaresma, já que nesses tempos não se gozavam feriados, para além do dia de Natal.” (p. 417). Cada relato de entrevista é antecedido de uma página prévia, escrita pelo autor, de contextualização e moldura do recorte. Usa-se o presente do incitativo em todos estes quadros de contextualização. A terminar o conteúdo textual do livro, o autor escreve um “Epílogo” (pp. 461-462) no qual revela qu: “Emergiram das conversas com estes trinta e nove anciãos, informações originais, versões de ocorrências – por vezes contraditórias –, mas dignas de credibilidade, e de serem aferidas no futuro. Uma avalanche de factos culturais de cariz etnográfico ficou patenteada.” (p. 461). É igualmente dada ao leitor informação sobre os “Créditos das Imagens” (pp. 463-464), e o local virtual onde pode ser consultado o Arquivo Digital e Imaterial da Comenda (<http://digitarq.adptg.arquivos.pt>), o qual foi coligido pelo autor e sua equipa. A fotobiografia (pp. 466-554) é a parte final do livro, que tem leitura própria e é uma viagem através do quotidiano de uma aldeia e as subjectividades dos seus atores sociais. A finalizar, o livro é ainda enriquecido com um índice onomástico (p. 555-561) que permite cruzar fontes e nomes de pessoas.

Por tudo isto, *Comenda com Gente* é uma fascinante obra de etnografia e história local, compósita de um puzzle de significados múltiplos, com relevância para compreender o território do sul de Portugal. Justifica-se assim que o livro tenha tido o patrocínio da Freguesia de Comenda, Câmara Municipal de Gavião e da Direcção Regional de Cultural do Alentejo. Nas palavras de Jorge Branco: “O que aqui apresentamos pertence agora a todos os comendenses” (P. 462). E pertence também agora a todos nós, leitores, cidadãos.

Ema Pires, Universidade de Évora, Portugal. Janeiro de 2020.